

RITUAIS DE PAZ

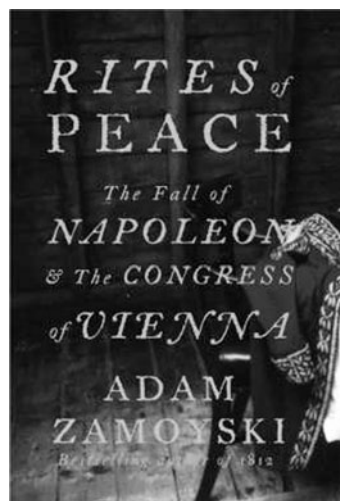
Marcel Luís Monte

ADAM ZAMOYSKI

Rites of Peace: The Fall of Napoleon & The Congress of Vienna

Londres,
Harper-Collins,
2007, 634 páginas

Adam Zamoyski nasceu em Nova Iorque, em 1949, e passou a maior parte da vida em Inglaterra. Pertence a uma antiga família da nobreza polaca e por isso não estranhámos encontrar, na sua bibliografia, uma forte ligação a temas leste-europeus. *Rites of Peace: The Fall of Napoleon & The Congress of Vienna* não incide especialmente sobre a «questão polaca», mas esta afirma a sua presença ao longo de todo o texto. Esta obra é um representante de um género caído em desuso após a II Guerra Mundial, sobretudo fora do contexto anglo-saxónico, desde que o estruturalismo dos *Annales* se começou a impor na investigação histórica. De facto, a famosa «escola» francesa rompeu com a matriz literária, artística e narrativa da historiografia tradicional e com o pressuposto de que a compreensão da História se basearia, em primeira instância, no estudo das individualidades e dos acontecimentos, sobretudo de natureza política e militar, tidos como os mais consequentes para a vida social. Os *Annales* contestaram essa visão e postularam que esta não se esgotava, de forma alguma, na decisão dos reis ou nos acontecimentos, provando-o, durante décadas, de forma eloquente. A vocação interdisciplinar dos *Annales* elevou o conhecimento histórico até cumes insuspeitos, relativizando o papel da política e da liber-



dade dos indivíduos, por entre os parâmetros impostos pelo seu tempo. Esta História-ciência, assumiu, desta forma, os fenómenos estruturais mais perenes como motores, por excelência, da transformação social e baseou o seu estudo numa actividade analítica e cientificamente conduzida do passado, orientada para a sua dimensão estrutural, procurando substituir-se assim à historiografia como acto narrativo.

O RENASCER DA NARRATIVA

Todavia, nesta obra de Zamoyski podemos identificar uma História *événementielle*

por excelência, género renascido há já algum tempo (apesar de nunca eclipsado e desacreditado no mundo anglo-saxónico) após décadas de marginalidade, e um regresso a formatos e temas tradicionais, embora com focos inovadores: a política e as biografias, como podemos denotar em outros trabalhos do autor. Dizemos regresso, mas não *regressão*: utilizando embora uma estrutura narrativa e literária, o autor produziu uma verdadeira *novela política*, cujo enredo depende, contudo, do recurso sistemático e rigoroso ao tijolo que edifica a disciplina histórica: os documentos, as fontes, que exigem ao investigador, em nome da sua credibilidade, uma abordagem crítica e rigorosa. Apesar da diversidade das fontes que o autor utilizou, é notável o peso da epistolografia particular e diplomática; da documentação proveniente dos gabinetes do poder; de *memórias* e *diários* de muitos intervenientes; e dos abundantes relatórios dos espões e das polícias, cuja actividade aumentou exponencialmente devido à necessidade absoluta de informação, crucial para a cirurgia operada, nas reuniões de diplomatas e governantes, à face desfigurada da Europa do Antigo Regime. Documentação utilizada de forma criteriosa, que permitiu uma reconstituição das movimentações políticas, dos pormenores de alguns dossiês delicados, assim como dos medos e esperanças dos participantes do Congresso.

BIOGRAFIA DE PESSOAS,

BIOGRAFIA DE UM PROCESSO

O Congresso de Viena, mais do que uma reunião magna, foi um *processo* que decor-

reu por muitos anos, pontuado pelo exílio e regresso de Napoleão, pelo ordálio de Waterloo, e definido pela discussão interminável sobre as imensas questões, grandes ou pequenas, que se interpunham à paz geral, produzindo diversos tratados que reconfiguraram a geopolítica europeia. O autor procura dar-nos uma perspectiva pormenorizada desse processo, entrecruzando um manancial de informações biográficas acerca dos actores nesse *grande teatro* da diplomacia, com a forma como as suas convicções próprias interagiram com o correr dos acontecimentos, que obrigava a habilidade dos intervenientes a marchas forçadas. O fervor religioso e excentricidade do czar Alexandre, a vaidade de Metternich ou o rigor e conservadorismo de Castlereagh, assim como a personalidade de muitos outros, surtem-nos como essenciais para entender o desenrolar e o culminar das negociações, reabilitando o papel do indivíduo na realidade histórica. Zamoyski pinta, por exemplo, o retrato de Napoleão, enérgico nas suas tentativas desesperadas de adquirir uma legitimidade que só a ininterrupta vitória militar sobre as «cabeças coroadas» poderia trazer, em contraste com a reacção, igualmente desesperada, dessas cabeças dispostas a conservar as suas coroas ancestrais e o seu poder. Duas formas de existir que reflectem as mudanças globais na cultura política europeia, coloridas pela vida, acções e testemunho de quem as presencia na primeira fila, ou de quem actua no próprio palco onde se desenrola a acção.

FESTIVIDADE POLÍTICA OU POLÍTICA FESTIVA?

É interessante nesta obra a perspectiva mundana da vivência que enquadrou o conjunto dos trabalhos, sobretudo na sua fase principal, em Viena: os inúmeros bailes e festas que entretinham os milhares de pessoas que acorreram à capital da Áustria eram não só um espelho, diremos nós, de uma *joie de vivre* característica, mas também uma ocasião em que a contra-informação e o rumor poderiam ser úteis aos interesses dos intervenientes, ou nefastos às negociações, pelas distorções e mal-entendidos que causavam. Zamoyski não esquece também o papel que as alcovas exerceram, nesse contexto, na obtenção de favores políticos ou de informação relevante: as amantes pululavam tanto como os espiões, e a promiscuidade era tão corrente como a intercepção de correspondência secreta.

Este género historiográfico tem, como principal virtude, permitir ampliar pormenores por vezes negligenciados por uma historiografia mais direccionada para abordagens «macro». Reabilita o papel do indivíduo e da sua liberdade e iniciativa no processo histórico, algumas vezes tão decisivo como as tendências mais profundas da economia, das variações demográficas ou dos parâmetros culturais. Todavia, é um género que, por um lado, exige ao investigador uma capacidade literária e de organização interna muito grande, sob pena de se produzir um texto denso e intragável, e, por outro, contém em si o perigo da queda na tentação de interpretações pouco rigorosas dos fenómenos históricos. Zamoyski escapou a esse perigo, e ainda forneceu um excelente ponto de

partida para uma reflexão geral sobre a situação europeia nos inícios de Oitocentos e sobre as transformações profundas que adviriam da queda de Napoleão e da aparente «vitória» do legitimismo.

POUCOS DECIDINDO SOBRE MUITOS

O autor reflecte, na sua conclusão, sobre o facto de os indivíduos que lidaram com a enorme massa de compensações, indemnizações e «prémios» exigidos por todas as pessoas e instituições que se sentiram abaladas pelo terramoto político-militar da Revolução e da guerra, terem posto de parte os interesses gerais das populações europeias, pese embora a sua busca de um equilíbrio que perpetuasse uma paz geral. As suas idiosincrasias, assim como o poder neles investido após a derrota de Napoleão, fê-los regatear territórios e dispor de «almas» (populações), como quem soma, subtrai e negocia «cabeças», tendo em conta apenas os interesses das elites governantes e dos estados mais poderosos. O legitimismo, segundo Zamoyski, falhou, pois, em encontrar uma *nova legitimidade* que unisse os europeus em comuns e gerais interesses. Instituiu-se, pelo contrário, um «concerto de nações» apadrinhado sobretudo por quatro delas: Inglaterra, Áustria, Rússia e Prússia, que subalternizavam as outras e as inseriam nas suas áreas de influência. O autor, nestes termos, critica também a tese de Kissinger e todas as outras que sustentam a durabilidade de uma paz frutuosa na Europa até 1914: o sistema europeu de Viena, para além do endurecimento de muitas monarquias perante as vagas reformadoras dos libe-

rais e radicais – fatia enorme das camadas intelectuais na Europa – gerou guerras civis, o levantamento de barricadas e a repressão por estados nunca antes tão policiais: «ao deixar de fora classes inteiras e nações, este sistema alimentava a inveja e o ressentimento, os quais haveria de degenerar no socialismo e no nacionalismo agressivo» (p. 596). Isto apesar de admitir que o diálogo, a busca de equilíbrio e de uma cooperação que promovesse a paz, se tornara, com Viena, uma prática aceite na política internacional. Mas convenhamos: esta obra não é fácil de ler. Exige do leitor uma apreciável

familiaridade acerca da época que aborda. Só assim, por entre a multiplicidade de histórias presentes nesta História e por entre as minudências que preenchem as negociações, as intrigas nos bailes e nas alcovas, se poderá compreender os aspectos gerais e estruturais da cultura política, da estratégia militar e diplomática, assim como das mentalidades e atitudes sociais que caracterizaram aquele contexto. Compreender, enfim, essa transição para um tempo novo em que a força da opinião pública se vai tornando um factor que as elites políticas deixam de poder ignorar. **Rd**